

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Blog Cena Estrutural

Brasília, 1º semestre de 2011
Autora: Marcela Mattos

Blog Cena Estrutural

Memorial de pesquisa do projeto experimental apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Sérgio de Sá

AGRADECIMENTOS

RESUMO

O blog Cena Estrutural é um projeto de conclusão de curso que tem o intuito de mostrar como é a vida na Cidade Estrutural. O espaço não é dedicado exclusivamente às notícias factuais, e, por isso, também conta histórias de injustiça, cultura e prosperidade, as quais normalmente não teriam espaço na grande mídia. Ainda assim, muitas dessas matérias têm um significativo valor-notícia também para quem não vive ou tampouco conhece a Estrutural. A ideia é quebrar o paradigma da pobreza-violência-lixão, há bastante tempo referência da região, e expor que a cidade é mais do que isso.

PALAVRAS-CHAVE

Blog / Cidade Estrutural / Realidade Brasiliense / Favela em Brasília

SUMÁRIO

1. Apresentação
2. Justificativa
3. Problema de pesquisa
4. Objetivo
5. Referenciais teóricos
6. Metodologia
7. Resultados
8. Orçamento
9. Referências bibliográficas

1. APRESENTAÇÃO

Decidi fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao invés de uma monografia no quarto semestre, quando começaram as matérias práticas de jornalismo e reportagem. Neste momento, tive a certeza de que, na primeira etapa da minha carreira, gostaria de exercer a profissão, e não a vida acadêmica. Por isso, preferi unir os quatro anos de curso em um produto, tendo em mente que, além de colocar em prática todo o aprendizado, já poderia sair da universidade com um portfólio como referência.

Como tema, optei por me dar um desafio. A Cidade Estrutural, ao longo dos oito meses de rondas, no jornal *Aqui DF*, sempre assombrava. Procurar matérias de polícia era ligar na 8ª DP. Quando ia lá apurar algum acontecimento, normalmente um crime, os motoristas do jornal sempre orientavam para tentar fazer as entrevistas rapidamente, para irmos embora antes de escurecer.

No entanto, percebi que problemas de segurança, moradia e desigualdades não são exclusivos da Estrutural, e sim da maioria das cidades do Distrito Federal que cresceram desordenadamente. O que diferencia a região – e tornou-a referência – é o Lixão.

Pensei, então, em mostrar como é a rotina daqueles moradores que, a 15 quilômetros do poder do país, cresceram em decorrência e ao redor do lixo. O enfoque, no entanto, é diferente das grandes mídias. Notícias factuais de violência não têm espaço – o que não significa que o tema é omitido. Problemas de moradia e desigualdades são contados com o contexto da cidade, que muito explica o que ela é hoje e por que muitos dos problemas não foram solucionados. Notícias de cultura, movimentos, ações do Estado, programações e a rotina da comunidade têm espaço privilegiado.

Assim nasceu o blog *Cena Estrutural*: um misto de matérias factuais com reportagens frias que narram histórias que, de certa forma, são capazes de traçar um perfil diferenciado da comunidade.

Nas primeiras visitas que fiz à cidade, percebi que jornalistas não eram bem-vindos. Muito do estigma criado sobre os moradores é consequência das numerosas reportagens de violência e pobreza. Disso, os próprios moradores já estavam saturados de saber e viver. O que lhes faltava era um espaço no qual poderiam se ver, seja como personagens das matérias ou representados nas reivindicações.

No entanto, o Cena Estrutural não é o único blog da região – admito que foi um desapontamento quando fiz essa descoberta. Formado por moradores, o Fórum de Monitoramento da Cidade Estrutural (www.forumestrutural.blogspot.com) existe desde 2009, é bem atualizado e tem uma significativa quantidade de acesso. O conteúdo é formado basicamente por denúncias – já que o fórum é um grupo que fiscaliza a cidade – e por clipping.

Se de início tal blog me fez questionar a continuidade do projeto, com o andamento da produção pude perceber que o Fórum muito poderia contribuir. Facilmente percebi que o projeto editorial deles era bastante diferente do meu. Com uma função similar a de um Ministério Público, o Fórum denuncia, mas nem todas as vezes cobra respostas. Já o Cena Estrutural, visto que ética jornalística prega sempre ouvir os dois lados, busca posicionamentos e prazos. Além disso, o Fórum também oferece um espaço de divulgação da cultura da cidade, mas de forma simplória e sem o aprofundamento que reportagens jornalísticas conseguem dar. Sendo assim, o meu objetivo de desenvolver um veículo de comunicação exclusivo aos moradores, com voz e respostas a eles, pôde ser concretizado.

2. JUSTIFICATIVA

Cristovam Buarque, no prefácio do livro *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*, de Aldo Paviani, afirma que uma das mais sérias críticas feitas à universidade é no sentido de que ela está alienada em relação a seu redor. “Prisioneira de cada área do conhecimento, ela não estuda os problemas da realidade, especialmente aquela mais próxima.” No meu projeto final, coloquei os pés para fora da UnB e cheguei a uma cidade em que, apesar de ser habitada há mais de 40 anos, saúde e educação são novidades de menos de uma década.

Brasília é sinônimo de planejamento, organização urbana e poder. Nas referências da capital federal, a periferia, ainda que ocupe grande parte do Distrito Federal, não é lembrada. E, quando lembrada, é marginalizada, colocada à parte da comunidade candanga. Vale ressaltar, no entanto, que a maioria dos moradores da periferia trabalham no Plano Piloto. Além disso, são eleitores e têm importante papel na decisão dos governantes locais.

Foi a partir do estigma imposto a essas comunidades que decidi que meu tema seria focado nas cidades do DF. Por que não mostrar a formação dessas cidades? Em que difere a rotina deles em relação aos moradores do Plano? Tal análise em todas as cidades, pelo grau de complexidade no processo de imersão e pela inviabilidade de fazer sozinha, seria impossível. Por isso, teria que focar apenas em uma Região Administrativa (RA).

Além dos já citados na apresentação, foram diversos fatores que me fizeram optar pela Cidade Estrutural. O histórico de conflitos em torno da moradia; o elevado índice de criminalidade; o fato de ser a segunda RA mais próxima ao centro de Brasília – a primeira é a RA do Cruzeiro – e também a segunda maior favela do Distrito Federal, perdendo apenas para o Itapoã, no Paranoá: tudo isso em contraponto ao carinho que muitos moradores têm pela região. Para mim, foi impossível não ficar curiosa com o choque da imagem que eu [e a maioria dos moradores de Brasília] tinha quando comparado à imagem dos moradores da Estrutural.

Por isso, pensei em criar um espaço específico para matérias que dessem um novo enfoque sobre a região, formado por pautas frias e também factuais. Para esse trabalho, o formato de veículo mais acessível à comunidade seria um jornal impresso, com uma tiragem semanal. No entanto, tanto o custo quanto o processo de distribuição seriam bastante acima da minha capacidade.

O blog serviu como uma solução. Por mais que o acesso à internet seja reduzido, se comparado à entrega e disponibilização dos jornais em pontos movimentados, o blog é o formato mais acessível economicamente, consegue ter boa infiltração na cidade, atinge também os demais moradores do DF – e, dessa forma, cumpre a, pelo menos, tentativa de criar uma nova imagem – e fica “guardado” na rede e em seus meios de busca.

A escolha do nome foi uma das decisões mais difíceis. De início, pensei em nomes que não continham a palavra estrutural, para evitar repetições. No entanto, não consegui criar nada que não ficasse vago e indefinido sobre o que se tratava. *Voz da Comunidade* foi um deles. Além de não explicitar qual o local de referência, dá a impressão de que o conteúdo é produzido comunitariamente. Por fim, também é o nome do jornal criado pelos moradores do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro. Pensei em demais variações com o mesmo sentido, mas nenhuma conseguiu traduzir o que eu propunha no projeto.

Outra possibilidade, desta vez com a referência da cidade, foi *Inclusão Estrutural*, algo como um trocadilho à inclusão social e digital. Por outro lado, a palavra inclusão lembra acolhimento, inserção, e poderia passar a ideia de ser um trabalho de uma associação ou uma organização não-governamental.

Enfim, cheguei ao nome *Cena Estrutural* [HTTP://cenaestrutural.com](http://cenaestrutural.com). O dicionário *Michaelis*, além das referências teatrais, traduz a palavra cena como “panorama, perspectiva” e também como “qualquer ação que se passa dentro do âmbito de visão do observador”. Essas definições condizem com a proposta de ter um olhar externo narrando o que acontece e também tem a vantagem de poder ser encurtado e, dessa forma, mais facilmente memorizado. O blog, rapidamente, passou a ser chamado apenas de o Cena, tanto dentro das reportagens quanto por aqueles que o conheciam.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

Nós jornalistas temos um espaço de entrada, normalmente, garantido. Se acontece um acidente, ninguém pode entrar na área isolada – mas lá estão os repórteres. No Congresso, os parlamentares são diariamente surpreendidos com os microfones, que lhes saltam à frente nos corredores. Em shows e eventos, a credencial substitui o ingresso. Em fatos de grande impacto nacional, passam a noite na porta de delegacias e penitenciárias ou escondidos em uma saída de emergência, tudo para não perder nenhum movimento. Tal onipresença pode não ser bem aceita, mas a justificativa pela profissão é suficiente para que se entenda o que tal pessoa faz em determinado local.

Acostumada com essa abertura, encontrei dificuldades logo na primeira pisada na Estrutural. Nunca tinha ido à cidade e só de passar pela Via Estrutural sentia calafrios: “Por onde começar?”. A região é bem maior do que eu imaginava. Então, pedi ajuda a um amigo de uma amiga, para ser exata, o qual participa de alguns projetos na comunidade e inclusive está escrevendo um livro com a história de lá. Na minha primeira visita, junto com tal amigo, andamos de carro por todos os cantos e ele me explicou um pouco a dinâmica da Estrutural, mostrou-me pontos legais que eu deveria conhecer e também alertou quais lugares era melhor evitar por serem violentos e pontos de tráfico de drogas. Difícil foi decorar tais pontos, já que a cidade, visualmente, é toda parecida. Por diversas vezes, e não apenas no início, me perdi e, ao buscar o endereço, deparava-me justamente em tais quadras. Nessas situações, preferia recorrer a crianças e mulheres para me localizar, e nunca houve problemas.

Ainda assim, não tinha a liberdade de sair abordando as pessoas pelas ruas. Principalmente porque estranhavam o fato de eu estar sozinha e não ter nenhuma identificação de veículo de mídia. Em uma monografia de graduação do curso de Antropologia, encontrei um depoimento semelhante ao que eu senti nas primeiras visitas. Como já afirmei, a cidade não expira receptividade:

O relato de minha primeira ida estruturada à cidade traz elementos que indiciam como se deu inicialmente a minha relação com a cidade, e como eu refletia representações, receios e sentimentos que possivelmente eram compartilhados com parte da população de Brasília. Por mais que eu imaginasse que a Estrutural fosse uma cidade normal, não me comportei como eu esperava, tendo grande receio neste primeiro contato, o que caso não mudasse, ocasionaria grande dificuldade em compreender o ponto de vista dos grupos locais investigados.(ARAGÃO, 2008, P. 9)

Foi quando conheci Coracy Coelho, então presidente da Associação Viver e integrante do blog Fórum de Monitoramento. Rapidamente ele apoiou o projeto e já queria, inclusive, que fosse integrado ao Fórum. Expliquei que, no primeiro momento, seria um trabalho autoral e, dessa forma, não seria possível. Ainda assim, passou-me vários contatos e também me acompanhou nas primeiras apurações. O Coracy foi essencial para a concretização do trabalho.

Sem essa ajuda, certamente teria desistido. Os moradores da Estrutural, em decorrência dos jogos de interesses políticos, são bastante desconfiados. Antes de tudo, perguntam: “mas por que você quer saber?”. E, em seguida: “qual o motivo desse projeto?”. Ao conseguir quebrar esse gelo e convencer que o meu projeto era, de certa forma, benéfico para a população, o tratamento mudava. Perdi as contas de quantas vezes fui convidada para almoçar na casa dos entrevistados e até para morar na região.

Ainda assim, o meu contato esteve longe de abranger grande parcela da comunidade. Além de ter mais de 40 mil moradores, a dinâmica organizacional é feita em grupos, muitas vezes opostos ideologicamente. Cada quadra tem um prefeito comunitário – ao todo, são 21 – e um agente de saúde, os quais lutam pelos direitos do setor. A falta de políticas públicas fez com que a própria comunidade se unisse conforme os interesses de cada morador. O resultado é uma comunidade, por fora, vista de forma homogênea e semelhante; mas, por dentro, detentora de duas principais vertentes: lideranças comunitárias x administração local.

Pude perceber essa divisão logo no início. Quando perguntava por antigas lideranças, as quais havia previamente pesquisado, somente eram apontadas as que continuavam do mesmo lado. Aquelas que agora fazem parte da Administração local eram tidas como “vira-casacas” e afirmavam que não acrescentariam tanto ao meu trabalho. Por questões de apoio, acabei conhecendo mais pessoas de uma vertente, as quais me indicavam outras também do mesmo grupo.

Nesses momentos, acabava, indiretamente, sendo indiciada para tomar um partido de qual lado ficar. A ética do jornalismo foi colocada em cheque. Como conseguir ser isenta diante de tal processo? Em diversos momentos, expliquei e pontuei a importância de sempre ouvir os dois lados e noticiá-los sem dar preferências ou emitir opiniões. Além disso, fui conversar com membros da Administração algumas vezes, e deixei isso bem claro a todos.

Felizmente, essa questão não foi muito levada adiante, visto que o meu projeto editorial contempla maior dedicação às matérias dos projetos das associações e de

cultura. Além disso, nas reportagens sobre saúde, Lixão e outras questões relacionadas às necessidades da região, as pautas surgiram por meio da própria observação e toda a execução foi feita sozinha. A colaboração, principalmente do Coracy, deu-se da criação até o lançamento do blog. Depois disso, por já ter adquirido autonomia e também por problemas pessoais dele, o nosso contato diminuiu bastante.

4. OBJETIVO

Produzir um blog com reportagens apenas sobre a Cidade Estrutural que tragam um enfoque diferente do da grande mídia e que deem voz a moradores e aos demais interessados na comunidade. De fora da região, apenas fontes para explicar ou dar soluções sobre determinado aspecto, ou personagens que causem direto interesse à população de lá.

Dessa forma, uma das metas é conseguir criar um meio em que a comunidade se sinta representada de forma positiva, com matérias de cultura, sobre os projetos realizados na região e também das problemáticas, mas no sentido de mostrar o que está acontecendo e também de cobrar o posicionamento dos governantes.

Outra proposta é ser referência em pesquisas online sobre a cidade. O fato de não haver livros que contem a história da região, somado a uma cobertura midiática cujo foco principal são as dificuldades, impossibilita a variedade de pautas. A ideia é que os sites de busca apontem o *Cena Estrutural* quando se procura sobre a Cidade Estrutural e, dessa forma, trazer novidades ao leitor.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

1. O blog

Definir o que é um blog, para Enric Bruguera, não é uma tarefa fácil. A novidade dos fenômenos do blog, sua efervescência comunicativa e a proliferação crescente de casos e iniciativas concretas por todo o planeta (2007, p. 15) dificultam a criação de um conceito fechado. Bruguera prefere fazer a definição por meio de consensos das principais características, tais como estruturação de conteúdos fornecida pelo autor ou autores e seus leitores; publicação em ordem cronológica inversa, com apresentação prioritária e mais visível dos conteúdos mais recentes; atualização frequente e regular; uso de hipertextos para recorrer ao conteúdo interno do blog; ferramentas de comunicação entre leitores e usuários dos blogs, entre outras. Tais elementos coincidem no fato de permitirem uma caracterização do blog como meio de informação, da mesma forma em que facilita a edição e a publicação pessoal de informação na rede, sem intermediários, com difusão imediata e alcance planetário (2007, p. 17).

Alex Primo, em contrapartida, classifica os blogs por um outro viés. Ao perceber a transformação dos blogs ao longo dos anos, é enfático ao dizer que a prática atual não é a mesma da que de quando foi criado, no fim da década de 1990. Os blogs deixaram de ser diários e agendas pessoais e expandiram para um formato muito mais abrangente. O autor também cita outras categorias de blogs, como literários e mistos, mas nenhuma é suficiente para uma tipificação atual. Tendo em vista tal transformação e a necessidade de uma definição que esteja de acordo com a evolução desses sites, Primo fez uma avaliação dos 5.233 posts publicados nos 50 blogs mais populares do Brasil. Como resultado do trabalho, definiu 16 gêneros de blogs, subdivididos em individual x coletivo e relato x reflexão.

Na tipificação de Primo, o *Cena Estrutural* é melhor enquadrado na categoria profissional informativo. Um blog profissional é tematizado pelo trabalho e/ou especialidade do autor. Isso não quer dizer que os posts tenham sempre precisão inquestionável, nem que o blogueiro não possa expressar suas opiniões pessoais sobre os assuntos que segmentam o blog (2008, p. 3). Por outro lado, a tematização por meio de uma especialidade acaba acarretando diretamente uma credibilidade no que é dito. No caso do *Cena*, o tema é unicamente a Cidade Estrutural, postado em formato jornalístico. Dessa forma, por conta de os fatos serem colocados na voz de outras

pessoas e comprovados por meio de fotografias e vídeos, dificilmente alguma informação será questionada. A categoria informativa encaixa-se perfeitamente à proposta do meu produto: tornar-se referência nos sites de busca e reproduzir notícias as quais eu não produzi, contanto que estejam de acordo com o projeto editorial.

Os posts deste blog individual voltam-se principalmente para a divulgação de textos sobre a área de atuação do profissional e/ou para a reprodução/reescrita de notícias sobre tal tema encontradas em outros lugares. Dependendo da frequência de publicação e das novidades relatadas, estes blogs podem se tornar material de referência e atualização para um determinado segmento. (PRIMO, 2008, p.6)

Ainda que organizem a definição de blog de forma diferente, o *Cena* formou-se pelas classificações dos dois autores. Tal fato pode ser comprovado tanto pelas coordenadas que perfilam o autor e o formato do site, sugeridas por Primo, quanto pelos principais elementos de um blog, ditados por Bruguera: ordem cronológica inversa, apresentação do autor, atualização constante, uso de hiperlinks. A importância da última ferramenta é exaltada por outros autores. O hiperlink é uma ferramenta essencial para os blogs, que serve para vincular informações internas ou externas ao site em que foi adicionado, e tem como função relembrar ou acrescentar informações a determinado assunto. Dessa forma, o hiperlink evita que o internauta fique perdido durante a leitura, caso não acompanhe o noticiário em tempo real, realidade da maioria dos trabalhadores, conforme aponta Pollyana Ferrari.

É muito fácil se perder no ciberespaço com a consequência de um fato, assumindo que o leitor sabe o que aconteceu previamente. Em geral, quem sabe todos os lances do desenrolar de um fato são os outros jornalistas, que ficam monitorando sites e lendo notícia o tempo todo na internet, e não o usuário que está no trabalho e que, por exemplo, tende a ler notícias na internet antes e depois do almoço, ou mesmo antes de sair para casa no final da tarde. (FERRARI, 2007, p.19)

Tendo em vista não perder o meu leitor, inseri os hiperlinks de forma diferente da dos grandes jornais, como faz a *Folha de S.Paulo*, por exemplo. As notícias da *Folha* estão sempre recheadas por hiperlinks, adicionados no meio dos textos e que, quando clicados, redirecionam a mesma página para a nova notícia. No entanto, para manter a linearidade da leitura, inseri os hipertextos ao fim das matérias, com o redirecionamento em uma nova aba. Dessa forma, o leitor atualiza-se do fato sem sair do blog e sem perder o foco da leitura.

Salaverría avalia os hiperlinks como uma forma de superar as limitações da pirâmide invertida e de demais estancamentos dos textos jornalísticos, os quais, juntamente com as rotinas profissionais, não acompanham paralelamente as evoluções tecnológicas. No entanto, fica impossível ignorar que, desta vez, o fenômeno digital atinge em cheio o coração do fazer jornalístico (FERRARI, 2007, p. 42), e, por isso, adaptações precisam ser feitas. Tal como o autor sugere, tentei fugir da previsibilidade da pirâmide invertida, principalmente no lide, já que, no *Cena*, este substitui a função do sutiã e procura chamar o internauta para o post. Ao mesmo tempo em que procurei tornar os lides mais criativos, principalmente nas reportagens não-factuais, a ausência de sutiã fez com os títulos fossem construídos de forma menos rebuscada e mais direta ao assunto.

Otro problema tiene que ver con el uso de titulares creativos y poco denotativos, tales como citas textuales entrecomilladas sin identificación de la fuente, títulos alegóricos o titulares informativamente incompletos. Este tipo de títulos abunda en los diarios de papel pero su interpretación en éstos apenas presenta problemas para el lector, pues cuenta con informaciones añadidas como subtítulos, cabeceras, fotografías o iconos que le permiten interpretar el sentido real de cada titular e identificar la fuente de la que proviene. (SALAVERRÍA, 1999, p.3)

Não muito próximos das discussões sobre o papel da grande mídia e seu futuro, os blogueiros brasileiros também têm mostrado que a grande rede é um prato cheio para a verve literária. Já perceberam isso muitas editoras, que vasculham a web em buscas de bons textos e ideias. O blogjornalismo também já saiu do estágio embrionário no Brasil (FERRARI, 2007, p. 46). No país, os grandes jornalistas tornaram-se blogueiros. Nomes como Fernando Rodrigues, Ricardo Noblat e Reinaldo Azevedo são facilmente lembrados como blogueiros políticos. Mas não é só na política que a prática virou moda. Grandes jornais, como *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* têm editorias específicas para blogs, as quais abrangem variados assuntos, como cultura, esportes, comportamento, tecnologias, entre outros. O conteúdo, muito longe de ser supérfluo, tem significativo impacto nas pautas de notícias.

Carregados de “furos”, opiniões e um tom mais informal, os blogs passaram a frequentar, diariamente, o espaço nobre das principais páginas eletrônicas na rede. Também não são raros que esses “diários pessoais” acabem pautando, inclusive, o jornal do dia seguinte, por vezes citado como fonte de alguma “bomba” publicada pelas

principais revistas impressas no fim de semana. (FERRARI, 2007, p.46)

Tal expansão prova que, ao contrário da especulação de que o fim dos blogs está próximo, o advento das mídias digitais pôde contribuir para a veiculação das notícias. De acordo com a Technorati, site que indexa blogs, existem mais de 1 bilhão de blogs no mundo. O último relatório *State of Blogosphere* (www.technorati.com/blogging), de novembro de 2010, é otimista em relação ao uso da ferramenta. O compartilhamento e a divulgação dos blogs agora estão facilitados, graças às mídias sociais. A tendência é que a linha que os separa dos microblogs e demais mídias sociais desapareça e que diversas ferramentas sejam utilizadas pelo mesmo produtor de conteúdo. Ao contrário de significar o fim dos diários virtuais, tal convergência indica uma estabilização dos blogs como um veículo confiável de comunicação.

These changes are occurring in the context of great optimism about the medium: over half of respondents plan on blogging more frequently in the future, and 43% plan on expanding the topics that they blog about. Bloggers who get revenue from blogging are generally blogging more this year than they were last year. And 48% of all bloggers believe that more people will be getting their news and entertainment from blogs in the next five years than from the traditional media. We've also asked consumers about their trust and attitudes toward blogs and other media: 40% agree with bloggers' views, and their trust in mainstream media is dropping.

2. A Cidade Estrutural

Brasília, a cidade planejada, não planejou o que fazer com o seu lixo – e dele nasceu uma cidade. Desde a década de 1970, os resíduos de todo o Distrito Federal são despejados no aterro do Jockey Clube, o Lixão da Estrutural. A ocupação começou com cerca de cem catadores que, por meio do material encontrado, construíram os barracos próximos ao Lixão. Até o início da década de 1990, a região permaneceu pouco habitada, com cerca de 500 moradores. A partir de 1995, com investidas políticas em financiar lotes em troca por votos, a região expandiu-se para o que é hoje: uma área de 160 hectares, ocupada por mais de 40 mil habitantes. Essa mesma história é contada por moradores, historiadores, jornais e órgãos públicos. Porém, não há nada documentado.

Por essa referência histórica, podem-se ver semelhanças entre a invasão da Estrutural com as demais do DF e também com as de todo o Brasil. Luiz Quinto Júnior e Luiza Iwakami, no livro *A conquista da cidade: movimentos populares de Brasília*, de Aldo Paviani, dividem, de acordo com as políticas urbanas e territoriais, a história de

Brasília em dois períodos. O primeiro (1957-1971) é caracterizado pela intensificação das atividades de construção da capital federal, levando a um aumento significativo do contingente de mão-de-obra. No segundo, que começou em 1971, se propicia a difusão de “invasões” e cidades-satélites, configurando-se como elementos estruturadores da nova capital, resultante, por sua vez, da consolidação do fator de aglomeração no espaço urbano (PAVIANI, 2010, p. 80).

As aglomerações, de início, eram inimagináveis, já que o fato de Brasília ser uma cidade planejada criou mitos sobre o espaço urbano, tais como a não-existência de conflitos por terra. Essa questão é bastante debatida em outra obra de Paviani, *Brasília: a metrópole em crise*. Segundo o autor, Brasília não foge à regra das demais cidades brasileiras, nas quais as mudanças socioeconômicas e políticas não arranham o verniz das transformações necessárias a uma distribuição equitativa dos bens socialmente construídos. Por isso, as nossas metrópoles são santuários da segregação socioeconômica (e, portanto, espacial): os mais afortunados estão próximos aos lugares valorizados, ocupando, aí, as posições melhor remuneradas; os destituídos são também excluídos do acesso à terra, à habitação, à educação, aos empregos e/ou atividades remuneradoras, sendo, por isso, periféricos (espacial e socialmente falando) (PAVIANI, 2010, p. 78).

A Cidade Estrutural, em termos de localização, foge à definição de que os segregados são fixados em áreas mais afastadas. Por estar localizada próxima ao centro de Brasília, a cerca de 15 quilômetros, foi ponto de grande explosão demográfica no fim da década de 1990, quando a população atingiu cerca de 20 mil moradores. É importante lembrar, também, que o nome da região deriva da Via Estrutural (DF-095), que liga Brasília a Taguatinga e a outras cidades do DF. Para os moradores do Entorno e das cidades mais afastadas do DF, estar próximo ao Plano Piloto, ainda com a facilidade de transporte, eram vantagens suficientes para a mudança rumo à Estrutural.

Ainda que a favela já houvesse tomado maiores proporções, grandes empresas e indústrias, por conta da localidade, também apostaram na região. Em 1989, época em que as políticas de remoção da invasão se fortaleceram, foi criado o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA). A preocupação em tirar proveito do espaço, naquele momento, foi maior do que criar soluções para ele.

Enquanto largas porções das populações urbanas encontram-se em habitações sub-humanas, periféricas das decisões, carentes em termos de alimentação, vestuário, educação etc., as elites engrossam

seus ganhos, configurando uma situação de clara iniquidade social. (PAVIANI, 2010, p. 65)

Entretanto, nem todo o processo de favelização da Estrutural pode ser generalizado ao das demais invasões de Brasília. Chave de quase todos os conflitos, principalmente os da década de 1997, está a jogada política em financiar a invasão. Moradores falam, abertamente, que só estão lá graças a José Edmar e Luiz Estevão – não é a toa que duas movimentadas ruas da região receberam o nome dos políticos. Idolatrados, eles sustentavam as invasões mesmo quando intensificavam-se os movimentos do governador Cristovam Buarque em acabar de vez com a favela. Prova disso é a reportagem *Invasores sim, mas com muita fé*, publicada pelo *Correio Braziliense* no dia 24 de julho de 1997. Apesar das ameaças do governador de fechar a invasão, a 20ª igreja foi inaugurada neste dia – com o apoio de José Edmar.

Aproveitando o clima festivo na Estrutural o deputado José Edmar, um dos principais suportes políticos da líder da invasão, visitou ontem a comunidade. Enquanto andava pelas ruas, perguntava aos moradores: “Quem quer sair da Estrutural?”. Antes de uma resposta, o deputado se adiantava: “Quem quiser sair é frouxo.” (CORREIO BRAZILIENSE, Cidades, p. 3)

Além do estímulo em ocupar a, na época, Vila Estrutural, as manifestações também eram financiadas por políticos. Laudo do Ministério Público, publicado na reportagem *Estevão patrocinou invasão*, em 23 de outubro de 2001, comprovou que a Fundação Comunidade, pertencente a Luiz Estevão, arcou com despesas das invasões e até com os dez ônibus que levaram os moradores da Estrutural à porta do Palácio do Buriti, no dia 17 de julho de 1997. Entre 1997 e 1998, foram registradas oito mortes nos conflitos entre a população e a Polícia Militar e quase uma centena de feridos.

Documentos apreendidos pelo Ministério Público Federal demonstram que Estevão utilizou a extinta Fundação Comunidade com objetivos político-eleitorais e realizou diversos gastos irregulares quando era deputado distrital pelo PMDB. Notas fiscais e recibos de pagamentos apreendidos pela Polícia Federal nos escritórios do grupo OK mostram que a Fundação Comunidade realizou despesas como o aluguel desses ônibus com lideranças comunitárias da favela de julho a setembro de 1997, início da fase violenta do confronto entre os invasores e o Governo do Distrito Federal. (CORREIO BRAZILIENSE, Cidades, p.13)

Apesar de todos os conflitos, muitos dos moradores mais antigos contam hoje que nunca pensaram em sair da Estrutural. Entre 1997 e 1998, a proposta do governador Cristovam era a de reassentar as famílias no Riacho Fundo II. Os benefícios que o

governo oferecia, além da regularização, não eram vantajosos. As primeiras famílias que toparam fazer a mudança se depararam com a mesma realidade em que já viviam: falta de energia elétrica, d'água e poeira – e ainda 21 quilômetros mais distantes de Brasília, conforme conta a reportagem *Morada nova, problema antigo*, veiculada em 17 de setembro de 1997 pelo *Correio Braziliense*. Essa prática trouxe à tona o despreparo do Estado em como conduzir o inesperado crescimento da periferia. Nesse sentido, Quinto e Iwakami afirmam que a divisão social deve estar acima da divisão territorial de qualquer cidade.

A lógica do capital imobiliário e a segregação socioespacial são elementos estruturadores deste conflito, seja na cidade planejada ou não; por causa disso, as técnicas do planejamento devem partir do conflito e não de sua negação. A cidade é o palco desses conflitos, os quais devem ser gerenciados dentro de uma compreensão de que a divisão social do espaço se sobrepõe à divisão técnica numa cidade. (PAVIANI, 2010, p.81)

A polêmica em relação à Estrutural foi um dos fatores que fez Cristovam perder as eleições de 1998. Enquanto ele agia por meio da desocupação e do embargo ao comércio, o peemedebista Roriz aproveitava para fazer da invasão seu reduto eleitoral – e conseguiu a eleição. Em 1999, Roriz decretou a suspensão das retiradas dos barracos. Cinco anos depois, no dia 27 de janeiro, a lei número 3.315 cria a XXV Região Administrativa, formada pela Estrutural e pelo SCIA. Nesta data é comemorado o aniversário da, desde então, Cidade Estrutural, hoje com sete anos.

A evolução de vila para cidade trouxe muitos investimentos para a região. Por meio do Programa Brasília Sustentável, de 2005, cerca de R\$ 300 milhões foram destinados à Estrutural no sentido de articular as questões de políticas ambientais e de desenvolvimento, contribuindo para o controle e a redução dos elevados índices de degradação ambiental. Sua prioridade é oferecer condições adequadas ao desenvolvimento social da população local, combinando as melhorias estruturais à redução da pobreza, bem como à participação ativa da comunidade. (Companhia Brasileira de Projetos e Empreendimentos – COBRAPE, 2005)

Até o momento, o recurso não foi completamente investido. A maior parte do que já foi gasto destinou-se à construção de 1.290 unidades habitacionais, as chamadas casinhas da Quadra 16, cujo foco é retirar os moradores das quadras 8 e 12 por conta de estar localizada em cima de um local onde o lixo era despejado. No entanto, nem tudo é alegria. Um laudo do Ministério Público do DF e Territórios (MPDFT) aponta que a

Quadra 16 é uma área de risco sanitário, ambiental e urbanístico, já que está a cerca de cem metros do Lixão e a dez metros da lagoa de chorume. Ainda assim, a Administração continua com a política de derrubada das casas para forçar a transferência dos moradores.

6. METODOLOGIA

1. Apuração e escrita

Desde o final de 2010, quando defini qual seria meu projeto de conclusão de curso, leio e acompanho as notícias sobre a Estrutural. Até março deste ano, nunca havia ido à região. As buscas no Google e no YouTube eram no sentido de saber o quê e de que forma já havia sido dito. Além das previsíveis reportagens sobre tráfico de drogas, violência e o Lixão, encontrei informações principalmente sobre a remoção dos moradores para a Quadra 16, o Programa Brasília Sustentável e problemas de transporte urbano. Entender o que acontecia na cidade era importante não apenas para me informar, mas para já mostrar aos moradores, quando os conhecesse, que estava inteirada sobre as questões mais importantes. No exercício da profissão, ao longo de um ano e meio de estágio em redação, algumas vezes caí “de paraquedas” em algumas pautas. É perceptível a diferença de atenção dos entrevistados quando questionamos além das perguntas básicas do lide. A sensação é a de que eles passam a confiar mais na qualidade do repórter.

Devido justamente a esse meu desconhecimento sobre a cidade, conforme já foi dito anteriormente, o processo de imersão na Cidade Estrutural foi lento. Do período de desbravamento até começar a escrever foram quase dois meses – um longo período se comparado à rotina das redações, mas necessário quando se quer compreender não apenas um fato, mas o que o desencadeou. É importante ressaltar que, ao longo desses dois meses, por questões de disponibilidade, ia à cidade por volta de uma a duas vezes na semana. Analisando quantitativamente, o período não foi tão extenso.

O foco inicial foi conhecer a região. Por questões de segurança, não sabia se era melhor transitar a pé ou de carro nesse primeiro momento, em que permanecia mais no centro, onde ficam os comércios. A hipótese de chamar muita atenção com meu carro me preocupava. No preconceito da imagem de uma favela, não imaginava que veria tantos carros pela rua – muitos, no mesmo padrão ou melhores que o meu. É importante narrar essa experiência justamente para pontuar que essa pessoa que chegou com a motivação de mudar o estigma da sociedade também chegou carregada deles. Até então, nem eu sabia disso. Essa imagem que eu tinha, e que grande parte da sociedade também carrega, foi construída ao longo de pelo menos um século.

A favela, vista pelos olhos das instituições e dos governos, é o lugar por excelência da desordem. (...) Os estereótipos que se formam da cidade são os mesmos desenvolvidos pela favela. Ao longo deste

século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral. (ZALUAR, ALVITO, 2004, p. 14)

O fato de Coracy estar comigo na maioria das vezes, aos poucos, me tranquilizou. Passávamos pelas estreitas ruas sempre em baixa velocidade – até porque a quantidade de crianças e ciclistas torna impossível passar dos 40km/h – e de vidros abertos. E essa tornou-se uma prática quando estava sozinha. Mais chamaria atenção se me esforçasse para não fazê-lo. Enfim, relaxei.

Nesse período de “pré-produção”, estava presente na maioria dos eventos, apenas como observadora. Conversava com moradores de todas as idades e por vezes consegui informações que já poderiam ser pautas de matérias. Ainda acompanhei a votação do conselho de cultura, conheci uma rádio comunitária, fiz um *city tour* por entre as ruas, fui ouvinte de um encontro para discutir propostas de melhorias para a cidade. Esse processo foi essencial para o desenvolvimento do meu projeto editorial, e também para me acostumar à dinâmica da cidade. Conforme sugere Foote Whyte, essa é uma saída eficaz quando se chega a uma comunidade sem conhecer a própria região, seus moradores e as problemáticas.

Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar. Se eu fosse uma boa pessoa, o projeto era bom, se não fosse, nenhuma explicações poderia convencê-los de que o livro era uma boa ideia. (WHYTE, 1975, p. 79)

Na medida em que sentei e ouvi, obtive respostas para perguntas que nem teria feito se tivesse obtendo informações somente através de entrevistas. Naturalmente não abandonei de todo as perguntas. Aprendi apenas a avaliar a susceptibilidade da pergunta e o meu relacionamento com as pessoas de modo que só fazia perguntas em uma área sensível quando estava seguro de que meu relacionamento com a pessoa era sólido. (WHYTE, 1975, p. 82)

Aproveitei um grande evento da cidade, o lançamento do Ponto de Memória, no dia 21 de maio, para lançar e divulgar o *Cena Estrutural*. Além de moradores, estavam presentes representantes de Secretaria de Cultura, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O meu contato prévio com algumas pessoas me possibilitou fazer uma divulgação maior do que eu esperava, que inicialmente se daria apenas pela entrega de alguns cartões e pelo contato individual. No entanto, quando o museu já havia sido inaugurado, pararam a

música e me chamaram ao microfone. Lá, expliquei a cerca de cem pessoas o que era o blog, qual era a proposta e também pedi ajuda na sugestão de matérias.

Antes do dia do lançamento, três matérias foram postadas. No próprio dia 21, escrevi um post anunciando que o blog estava no ar. A matéria seguinte foi justamente sobre o Ponto de Memória. A partir de então, defini que seriam, pelo menos, duas atualizações semanais. As apurações eram feitas ao longo da semana. Na maior parte do meu tempo livre, estava na Estrutural fazendo entrevistas.

As matérias foram escritas e formatadas conforme sugerem o guia *Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar* e o livro *De la pirámide invertida al hipertexto: hacia nuevos estándares de redacción para la prensa digital*. Os títulos devem ser os mais diretos possíveis, já que elementos do impresso que servem para complementar a matéria, como o subtítulo, são abandonados. Por isso, o lide precisa ser ainda mais chamativo. A internet permite que a redação seja feita de forma mais leve e solta e possibilita, inclusive, o uso da linguagem coloquial. Ao mesmo tempo, dá oportunidades de criação e inovação aos lides, já que o padrão da pirâmide invertida não precisa ser seguido à risca. Dessa forma, principalmente em reportagens não-factuais, busquei unir elementos atrativos de leituras, como um ponto forte da notícia, com uma apresentação breve do que o leitor poderia encontrar ao clicar no *Continue lendo*. Outra forma de tornar a matéria mais visualmente interessante é colocar fotografias. As imagens quebram a extensão do texto e, pelos elementos de cor, movimento e da composição, podem contribuir para introduzir ao leitor o conteúdo do interior da página. No entanto, em algumas postagens, principalmente as de clipping, tornou-se necessário não anexar fotografias, já que, por questões autorais, optei por usar somente fotografias que eu tirei.

Jakob Nielsen, no livro *Eyetracking Web Usability*, aponta que os olhos dos leitores da web seguem o padrão da letra F. O primeiro parágrafo é lido na íntegra, mas, na medida em que vai avançando, a leitura torna-se espaçada. Nas escritas, utilizei os padrões sugeridos para tentar captar melhor o olhar do leitor, como parágrafos não muito longos e espaçados entre si, subtítulos e a inclusão de uma ideia por parágrafo. Visualmente, o autor também sugere um design simples e limpo, com um fundo sem elementos que distraiam a leitura e cores contrastantes entre o texto e o fundo.

2. O blog e a divulgação

Após um longo *brainstorm* até chegar à definição do nome *Cena Estrutural*, o próximo passo foi planejar o layout do blog. Por não ter recursos para pagar um programador de sites, comprei um pacote do Wordpress que permite fazer alterações nos padrões já existentes e, dessa forma, adaptar ao formato que eu tinha imaginado. O tamanho padrão do *header* – ou a cabeça – era pequeno para a proposta que eu tinha em mente. Por isso, aumentei o header lateralmente em 30 pixels, 15 de cada lado.

A ilustração principal foi feita pelo Caio Goméz, ilustrador do *Correio Braziliense*. Fiz uma lista de cenas corriqueiras da Estrutural que se encaixariam no projeto editorial de mostrar um lado positivo da cidade, mas que não escondesse aspectos marcantes. Assim, ao lado dos estudantes de bicicleta, trabalhadores e cantores de rap, também estão a polícia e os catadores do Lixão.

Pela variedade de pautas e a possibilidade de fazer novas inserções, troquei as editorias por categorias. Essa mudança trouxe a vantagem de não precisar me preocupar em produzir apenas o que estava inicialmente previsto e também poderia adicionar itens facilmente, como foi com o de *Clipping*, incluído após o lançamento do blog. Separei a coluna da direita para concentrar tudo que não fosse matéria e também focar em serviço, como agenda, telefones úteis e contato. A divulgação das mídias (Twitter e Flickr) digitais também ficaram à direita. Nas outras duas colunas, o lide das reportagens, seguido pelo link *Continue lendo*. Na primeira página aparecem as dez últimas atualizações. As anteriores podem ser acessadas indo diretamente nas categorias, tags ou no link *Posts mais antigos*.

As possibilidades multimídias que um blog oferece foram aproveitadas com o uso de muitas fotografias e também de vídeos, postados no YouTube. Em ambos, busquei mostrar bastante a Estrutural. Nas oportunidades de passear pelas ruas, como foi no lançamento do Ponto de Memória e na matéria com o grupo Relato Periférico, fiz as entrevistas também em vídeo, para possibilitar ainda maior aproximação do leitor que nunca foi à região. Nas maiores reportagens, coloquei um hiperlink para as outras fotos do Flickr.

Além dessa ambientalização, o Youtube e o Flickr foram meios de expandir o projeto Cena Estrutural e possibilitar maior acesso ao blog. Se alguém buscar a Cidade Estrutural no YouTube, há vídeos do *Cena*. Se quiser ver mais fotos, encontra o *Cena*

também no Flickr. Dessa forma, os diversos formatos buscados podem levar ao blog, o que o torna ainda mais visível.

Outro meio de divulgação foi o Twitter. Pelo @cenaestrutural, além de sempre *twittar* as novidades do blog, atualizava questões factuais que não foram diretamente ao blog, como alguns avanços da ocupação da Associação Viver, e também anunciava quem estava indo entrevistar, no sentido de antecipar a próxima matéria. Também *retwittei* reportagens de outros veículos que não eram sobre a Estrutural, mas que poderiam ter interesse dos moradores ou frequentadores da região, como exemplo a reportagem da TV Globo que falava sobre um projeto do GDF de capacitação de jovens. O Twitter foi uma importante ferramenta de divulgação. Pelo sistema interno, fazia buscas com a palavra-chave “Estrutural” e recebia todas as atualizações. As que de fato estavam relacionadas à cidade, como doações, divulgações de eventos, reclamações ou elogios, eu *retwittava*.

Além disso, também “conversava” com os usuários quando eles faziam atualizações preconceituosas sobre a região, como foi o caso de uma garota que twittou dizendo que não iria a um show pelo fato de ser de graça e, por isso, ir muita gente da Estrutural. Além de *retwittar* o que ela disse, fiz um convite a conhecer um pouco mais sobre a cidade, enviando o link do blog. Sem graça, ela apenas respondeu que era uma brincadeira e a conversa parou por aí. Por mais que, acredito, o interesse dela em saber sobre a Estrutural não seja muito grande, ela provavelmente se lembrará do blog quando/e se precisar de alguma informação sobre a cidade. Essa mesma prática foi utilizada em outras ocasiões, o que me fez receber diversos seguidores, além de elogios às matérias e aos projetos da Estrutural.

7. RESULTADOS

8. ORÇAMENTO

Ainda que um blog tenha a vantagem de ser gratuito, para este projeto optei por comprar três ferramentas que aperfeiçoam o site e o tornam um pouco mais profissional. Uma delas é a *CSS Custom*, que permite alterar o código-fonte e, dessa forma, fazer alguns ajustes no design, como mudar as cores, a fonte, o tamanho do header, enfim, todo o layout padrão.

A segunda aquisição foi o domínio *.com*, adquirido principalmente para facilitar o acesso ao blog, tendo em vista encurtar o endereço e também porque os nomes *blogspot* e *wordpress* costumam causar problemas de grafia. Por fim, comprei 5 gigas a mais de espaço, para não ter de me preocupar com o tamanho dos arquivos e ter a possibilidade de inserir arquivos em outros formatos, como MP3.

Por fim, tive gastos com gasolina, já que a Cidade Estrutural fica a 22 quilômetros da minha casa, e também com o ilustrador, que fez a arte da cabeça do blog. Não fiz nenhuma entrevista por telefone. As ligações feitas para agendar as pautas sempre foram breves, então não considero as ligações no levantamento.

Levantamento dos gastos:

CSS Custom – \$ 15 = R\$ 24,30

Domínio .com - \$ 17 = R\$ 27,54

5 GB - \$ 18 = R\$ 29,16

Ilustrador = R\$ 100

Gasolina = R\$ 200

Impressão dos cartões = R\$ 5

Total: R\$ 386

9. Referências bibliográficas

- BARBOSA FILHO, André, CASTRO, Cosette, TOME, Takashi. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. Editora Paulinas. São Paulo, 2005.
- BRIGGS, Mark. *Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar. Um guia de cultura digital na era da informação*. Austin: J-Lab/Knight Foundation, 2007.
- BRUGUERA, Enric. *Los blogs*. Editora UOC. Barcelona, 2007.
- CORRÊA, Kátia. *A ocupação no entorno de unidades de conservação: omissão, descaso ou oportunismo? O caso da invasão da Estrutural no entorno do Parque Nacional de Brasília*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Ambiental) – Programa de Pós-graduação Stritu Sensu em Planejamento Ambiental, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.
- FERRARI, Pollyana. *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. Editora Contexto. São Paulo, 2007.
- GONÇALVES, Maria da Conceição Vasconcelos. *Favelas teimosas: lutas por moradia*. Brasília, Ed. Thesaurus, 1998.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Editora: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
- JORGE, Thaís. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. Editora Contexto. São Paulo, 2008.
- MOURA, Dione. *Comunicação e cidadania: conceitos e processos*. Editora Francis. Brasília, 2011
- MOURA, Leonardo. *Como escrever na rede: manual de conteúdo e redação para Internet*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2002
- NIELSEN, Jakob; PERNICE, Kara. *Eyetracking Web Usability*. New Riders: Berkley, CA, 2010.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Ed. Pontes, 2005
- PAIVA, Juliana. *Direito à cidade no Distrito Federal. Inclusão e exclusão de famílias de baixa renda: o caso da Vila Estrutural*. Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social. Brasília, 2007.
- PAVIANI, Aldo. *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*. Ed. Universidade de Brasília, 2ª edição. Brasília, 2010.
- PAVIANI, Aldo. *Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre a urbanização*. Ed. Universidade de Brasília, 2ª edição. Brasília, 2010.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia – Métodos de investigação na imprensa*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2006.
- PRIMO, Alex . *Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. Anais, 2008.

SALAVERRÍA, Ramón. *De la pirámide invertida al hipertexto: hacia nuevos estándares de redacción para la prensa digital*, [Novática](#): Revista da Associação de Técnicos de Informática, vol. 142, Nov-dez, 1999.

SILVA, Tiago. Na luta pela cidade: notas sobre o processo de consolidação do espaço urbano e político da Cidade Estrutural. Trabalho de conclusão de curso em Antropologia. Brasília, 2008.

TARGINO, Maria das Graças. *Jornalismo cidadão: informa ou deforma?* Brasília, Ed. Ibict: Unesco, 2009

WHYTE, William Foote. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARAES, A. Z. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. Página 79.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. 4ª Ed. Editoria FGV. Rio de Janeiro, 2004.

Sites e links:

<http://technorati.com/blogging/article/state-of-the-blogosphere-2010-introduction/>

www.correiobraziliense.com.br

www.estadao.com.br

www.folha.uol.com.br

<http://www.scia.df.gov.br>

http://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf

www.forumestrutural.blogspot.com

<http://vozdacomunidade.com.br>